

MAGRE VIVA

Director: ANTÓNIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO III — N.º 114 — Preço 5\$00 — 21/9/78

De Semana a Semana

NOS BASTIDORES

A solução tecnocrática que Eanes defendeu e Nobre da Costa personificou não passou na Assembleia da República. Não houve nisso qualquer surpresa, sabida que era a posição dos diversos partidos. O P.C.P., que talvez tenha chegado a pensar neste possível III Governo Constitucional como um mal menor, que pelo menos asseguraria transitoriamente uma certa estabilidade ao regime democrático, não poderia, sem cair na incoerência, aceitar o programa que depois apareceu a decalcar o do II Governo. A U.D.P., alinhou com a solução das eleições gerais antecipadas que acredita poderem revitalizar o movimento que se gerou em torno da candidatura de Oтелo.

Do outro lado, o C.D.S. não escondeu a sua decepção pelo facto de as aspirações que pusera na «golpada» não terem sido contempladas na composição do Governo de Nobre da Costa. Mesmo o P.P.D., terá aparentemente apoiado o Governo, mas mais com o propósito de alijar responsabilidades na continuação da crise, do que o de defender uma solução que ainda não o satisfazia.

Mas é a posição do P.S., o principal «pivot» das operações parlamentares que interessará reter. Porque terá o P.S. recusado um Governo que prometia prosseguir a sua própria política dos I e II Governos? Terá finalmente visto o P.S. que tal política não serve os interesses nacionais e contraria mesmo os dos trabalhadores portugueses? Ou pelo contrário, não estará já a «cozinhar» com os partidos à sua direita uma nova solução que lhe devolva as rédeas do poder, mesmo à custa de mais cedências que tinha recusado quando da queda do II Governo? Talvez se esteja a perder tempo com estas interrogações. Talvez o P.S. já não nos deva merecer o benefício da dúvida.

Mas parece que isto de se resolverem as coisas nas costas dos interessados não é exclusivo nacional. Veja-se Camp David. As agências internacionais ao serviço do imperialismo bem se esforçam por atribuir uma importância histórica ao «cozinhar» de Carter, Begin e Sadat. Lá não esteve representado o povo árabe, muito menos o palestino, cujos representantes acreditados na O.N.U., a O.L.P., nem sequer no papel são referidos. E o balão da «paz» vai-se esvaziando. Até a própria C.E.E. se limita a classificar o «acordo histórico» como um «passo positivo».

HABITAÇÃO EM GUETIM

JUNTA LANÇA MÃO DE UM NOVO PLANO

É conhecido o trabalho da Junta de Freguesia e da Assembleia de Freguesia de Guetim nos mais diversos domínios e que, na continuação da acção da Comissão Administrativa que geriu os destinos da freguesia antes das eleições para as autarquias, tem vindo a sacudir a mais pequena freguesia do nosso concelho da letargia a que tinha sido votada.

A actividade da J. F. e da A. F., orientada pelos interesses da população, tem obviamente encontrado detractores nos círculos reaccionários da freguesia, e não só, mas tem

feito, por outro lado, compreendida pela população de Guetim, que cada vez mais se habitua a recorrer aos órgãos que elegeram para lhes pôr os seus problemas. Este crescente contacto povo-poder local se, por um lado, revela a confiança que os guetineses depositam na J. F. e na A. F., permite aos responsáveis da freguesia avaliar ainda melhor as graves carências habitacionais de Guetim.

É aliás esta questão que alguns elementos daqueles órgãos nos disseram estar na primeira linha das suas preocupações,

fazendo-nos sobre isso importantes revelações.

Guetim não teve ainda, nas suas cinco décadas de ligação a Espinho, o «privilégio» de uma habitação social. As primeiras perspectivas acabaram por aparecer apenas com a cláusula do contrato da concessão de exploração do jogo pela Solverde e em que esta empresa é obrigada a levar a efeito construções sociais nas freguesias do concelho. Como é do domínio público, já lá vão quase dois anos sobre o prazo indicado no contrato e nenhuma destas casas foi ainda cons-

truída pela Solverde. Guetim não fugiu à regra e só agora, por dificuldades a que a Solverde não foi totalmente alheia, tem em vias de legalização o terreno onde a dita empresa poderá instalar as habitações a que está obrigada.

1.200 contos estavam destinados inicialmente a Guetim para este efeito, mas o alargamento de seis para doze anos do tempo de exploração do jogo pela Solverde implica uma correcção dessa verba para um valor que se calcula superior a 1.500 contos. Entretanto, a in-

continua na página 6

ESPINHO MERECEIA MELHOR

Dir-se-á que se a intenção era, mais uma vez, cumprir a tradição já antiga, os responsáveis pela organização das Festas da Sra. da Ajuda estarão nesta altura bastante satisfeitos com a forma como se desenrolou a tarefa a que meteram ombros. De facto, os festejos realizaram-se como sempre, a afluência de pessoas foi significativa, a animação a do costume, o programa cumpriu-se.

Mas é precisamente aqui, neste «cumprimento», que reside a dúvida que nos assalta quanto ao real significado e importância que devemos atribuir a esta manifestação anual. Dirão alguns que não haverá razão para fazer mais do que a notícia de um acontecimento, afinal, bem pouco importante, que desaparece ainda antes de serem desmontadas as ornamentações de circunstância ou de desaparecerem as barracas e barraquinhas que durante breves dias foram o sinal exterior de qualquer coisa di-

ferente. Outros dirão que a grandiosidade da festa ficou mais uma vez patente, contra tudo e contra todos que gostariam de a ver desaparecer, convencidos que estão de que há forças secretas que manobram na sombra para liquidar aquilo que das tradições ainda sobrevive. Os primeiros permanecendo em geral alheios à festa e ao que ela significa, os segundos exultantes por considerarem ratificada na presença de milhares de pessoas a «sua» festa, o seu desejo de manterem bem vivos os valores de um passado que no fundo sabem irremediavelmente condenado, mas quanto mais tarde melhor.

Diremos nós que se a festa se «cumpriu», isso foi simultaneamente a sua vitória e a sua derrota. A vitória, passageira e enganadora embora, do hábito sobre a inovação, do mau-gosto sobre o mínimo de qualidade exigível, das coisas mortas e sem vida interior sobre as autênticas vivências colectivas

continua na página 6



DE ESPANTO E ARMA NA MÃO

Vai um cidadão muito desencanado, rua 19 acima, em plena noite grande da festa da cidade, quando a sua atenção é desviada das montras e enfeites para a discussão acalorada entre dois indivíduos. A curiosidade centra-se num deles que, gesto de homem de barba dura e voz de herói de fitas à italiana, acusa o outro de «não ser homem nem ser nada», como mandam as regras nestas circunstâncias.

Dir-nos-ão que o nosso espanto é que é de espantar, tão vulgares são cenas do género e outras ainda mais violentas, ou não estejam as ses-

sões de kung-fu e outras sistematicamente esgotadas. Não espanta, pois, que por dá cá aquela palha, o cidadão anónimo e vulgar ganhe ares de perigoso facínora, pronto a saltar e a fazer a vítima «lamber o pó da estrada» (que estas situações têm a sua linguagem própria).

Vai daí, para dar ainda mais emoção à cena, o nosso herói decide enriquecer a acção com um elemento verdadeiramente fundamental: uma pistola. Talvez pouco seguro de ter convocado o seu adversário, há que puxar da arma e apontá-la ao devido sítio. Gerada grande emoção, o desfecho não se deu

conforme alguns mais amantes do trágico previam, e em vez do disparo fatal desenrola-se uma perseguição que leva os contentores da rua 19, início da acção, até à «Tendinha» do salão paroquial instalada na rua 23, onde as cenas finais tiveram lugar, segundo alguns, já com a participação da autoridade.

Entretanto, tinha-se criado uma grande discussão entre os mirões, dizendo alguns «conhecerem aquela cara de qualquer lado» (referiam-se ao que puxara da arma). Até que tudo se esclareceu e para espanto, sim, que isto é uma história de es-

pantar, descobriu-se o vilão: nada mais nada menos que, passem senhores, passem, o digníssimo presidente da Junta de Freguesia de Silvalde e vogal da Assembleia Municipal que, na continuação de um desaguado com um indivíduo que lhe fora em tempos pedir um atestado, não esteve com meias medidas e recorreu aos métodos acima descritos.

Em seguida cai o pano, acompanhado de muitos ais de espanto por tão insólito comportamento de quem tinha a obrigação de saber e fazer melhor. Ou será que Silvalde tem um «sheriff» sem saber?

Justiça mais rápida e eficaz

Segundo informações por nós recolhidas no Tribunal desta cidade, o Tribunal de Espinho passou a estar totalmente independente do Tribunal da Feira, com a sua recente ligação ao Tribunal de Trabalho de Gaia, a cujo círculo judicial já se encontrava também ligado. Quer isto dizer que todas as acções relacionadas com questões de trabalho passam a transitar para Gaia, com as vantagens daí decorrentes para os interessados, pois que por várias razões Gaia fica muito mais acessível.

Por outro lado, foi criado um segundo juízo na nossa comarca, pelo que se espera que ve-

nam a ser preenchidos brevemente os dois lugares de juizes, um vago desde Janeiro e outro agora criado. Entretanto, não há a certeza absoluta de que os dois lugares venham a ser ocupados, dada a falta de juizes em muitas comarcas do país. Simultaneamente, foi também aumentado o quadro do pessoal, com a admissão de dois escrivães adjuntos, um oficial de diligências e um secretário judicial. Por tudo isto é de esperar que o andamento dos processos passe a decorrer com mais rapidez e comodidade para os utentes.



S. PEDRO

Dia 21, Quinta-feira
UM MOMENTO... UMA VIDA
M/ 13 anos

O tema de «Love Story», ou seja a paixão desmentida entre dois amantes com os dias de vida contados, é agora apresentado em versão «automobilística» ou «fórmula 1», como queiram. A realização de Sidney Pollack é de incontestável qualidade, embora o consideremos mal empregue neste tipo de filmes, pois ele merece bem melhor. Como atrás aludimos, a história tem um fim trágico. Avisamos já para poupar o desgosto da surpresa consequente e as comoções de circunstância.

Dia 22 Sexta-feira
ROCKY
M/ 18 anos

Em repetição, e a pedido de várias famílias, o filme que tem por pretensão levantar a moral e o «orgulho» de um povo que cada vez se sente mais desmobilizado e desmoralizado, o americano. A derrota no Vietnam ainda tem bem vivas as suas marcas. Nem outros Silvester(s) Stallone que porventura surjam lhe consegue fazer recuperar a confiança então perdida. Portanto um esforço em desespero.

Dia 23, Sábado
SARTANA ESTA DE VOLTA
M/ 14 anos

Estes malditos sábados, arrasam-nos. Decididamente, é o dia NÃO para ir ao cinema.

RIFAS DA NASCENTE

2.ª SEMANA — EXTRACÇÃO DE 14/9/78

692	1.000\$00	Jorge Cunha
092	100\$00	Jacinto Moreira da Silva
192	100\$00	Jorge Guilherme Mendes da Costa
292	100\$00	Manuel Alves Pereira
392	100\$00	Ramiro de Sá Couto
492	100\$00	Manuel Rocha
592	100\$00	Maria Augusta de Carvalho
792	100\$00	Dário Vasconcelos
892	100\$00	Joaquim Sá
992	100\$00	Napoleão Guerra

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO

Edital

SESSÃO PÚBLICA NO DIA 22 DE SETEMBRO, PELAS 21,30

António Fernando de Madureira Gil, Primeiro Secretário da Assembleia Municipal de Espinho:

Faz público tendo em conta o Art.º 100.º da Lei 79/77 de 25/10, que no próximo dia 22 de Setembro de 1978, se realizará nos Paços do Concelho, uma sessão ordinária desta Assembleia, que versará a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Apreciação de uma informação do Snr. Presidente da Câmara acerca da actividade municipal, conforme a alínea c) do n.º 1 do Art.º 48.º da Lei 79/77.

2 — Aprovação do 1.º Orçamento Suplementar da Receita dos Serviços Municipalizados.

3 — Deliberação sobre uma proposta para a criação de uma Associação de Municípios da Aglomeração do Porto, e sobre um esboço de uma estrutura administrativa para a área metropolitana do Porto com vista à elaboração do Plano de Estrutura, elaborado pela Comis-

são de Planeamento da Região Norte.

Para constar se publica este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estílo do concelho.

Espinho e Assembleia Municipal, aos 11 de Setembro de 1978.

Pel' O Presidente da Assembleia Municipal

António Fernando Madureira Gil
1.º Secretário da A. Municipal

FARMÁCIAS

Quinta — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Sexta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092
Sábado — Farmácia Teixeira — Rua 19 n.º 46 - Tel. 920352
Domingo — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 920331
Segunda — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 920250
Terça — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 920320
Quarta — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 920092

Mare Viva

SEMANÁRIO

Director :
ANTÓNIO SANTOS

Redacção :
RUA 62 N.º 251 - 1.º
TEL. 921621 — ESPINHO

Propriedade :

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número :

António Santos, Augusto Mota, Eugénio Moraes, José Cruz e Victor Sousa.

Composição e impressão :

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Dia 24, Domingo
OS NOIVOS SANGRENTOS
M/ 18 anos

Cenas carregadas de violência, muito sangue e muitas mortes são apresentadas constantemente ao longo deste filme. Os motivos desse facto não se compreendem e não se podem aceitar, pois são no fundo um espectáculo gratuito de choque, que não se justifica. Reconhecemos a notável presença de Cissy Spack («Carrie») como das principais protagonistas, mas mesmo assim não chega para alterar uma posição de desagrado.

Dia 25, Segunda-feira
O INIMIGO
M/ 18 anos

... público n.º 1 destes comentários, já sabemos, é o melodrama indiano. Então mais palavras, para quê?

Dia 26, Terça-feira
PASQUALINO DAS 7 BELDADES
M/ 18 anos

Presentemente Giancarlo Giannini é certamente um dos actores mais preferidos dos cinéfilos europeus. Para esse favoritismo, aliás bem merecido, ter sido alcançado, muito con-

tribuiu o saber e a mestria de Lina Wertmuller. Portanto já vem de longe um certo conhecimento mútuo quanto à forma de apresentar os temas. Mas neste caso o resultado foi profundamente decepcionante para ambos. Uma comédia por muito humor que pretenda ter, mesmo o humor negro, nunca deveria ter escolhido um campo de concentração para pano de fundo das suas piadas. Isso é grosseiro e de muito mau gosto. Ressentindo-se talvez disso, Giancarlo Giannini está muito longe do seu melhor, embora a figura por ele criada lhe seja bastante familiar.

Mas sabemos que esta nossa desilusão é passageira, pois dentro em breve teremos um filme desta dupla e com a participação de Candice Bergen, que nos irá recompensar deste desgosto. Ansiamos por isso.

Dia 27, Quarta-feira
A SUPER PATRULHA
M/ 13 anos

Em saldo de Verão e em 4.º rebaixa, temos novamente entre nós Terence Hill e Bud Spencer para mais uma sessão de murros e pontapés que fazem rir muito, dizem-nos. Discordamos.

P. S. P. INFORMA

Como habitualmente todos os meses, chegou até nós o balanço da actividade da PSP de Espinho, respeitante ao mês de Agosto. Nos aspectos relativos à criminalidade, salienta-se o número elevado de furtos, particularmente em habitações e em viaturas estacionadas na via pública, estimados num valor superior a mil contos. Nos aspectos relativos à actividade da PSP, regista-se o elevado número de 10 prisões efectuadas em flagrante, bem como a detenção de dois marginais após furto de carteiras na estação da CP, a que há que juntar outra detenção por introdução de indivíduos em casa alheia e outra por furto de artigos no

interior de um automóvel.

Entretanto e em contacto directo que estabelecemos com um responsável daquela corporação na nossa cidade, fomos informados de que o fim-de-semana último, o da festa da cidade, acabou por se revelar bastante calmo, sem alterações de maior ao contrário do que se temia nesta altura. Mesmo o número de acidentes foi quase nulo, havendo apenas a lamentar a morte de dois sinistrados num embate entre motorizadas, na zona do bairro piscatório.

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo o serviço para homem, senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 921823

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275

Telef. 920413

ESPINHO

CLÍNICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 920452

Cerqueira Fernandes

SOLICITADOR

AV. 24 N.º 741 S/D

Tel. 923129

As «maravilhas» da Suíça

A Suíça aparece aos olhos de muitos como uma espécie de paraíso, onde se vive bem, em paz e sem preocupações com o dia de amanhã. Assim como um lugar onde tudo vai bem, onde a crise que atinge os países capitalistas europeus não se fez sentir. Mas como surge a Suíça aos olhos de quem a vê de perto, neste caso, aos olhos dos emigrantes portugueses que também por lá vão vendendo a sua força de trabalho, à espera de dias melhores?

Da conversa com Joaquim Morais, espinhense emigrado na Suíça, no cantão de Neuchâtel, há seis anos, surge uma outra imagem: o país de quem experimenta as dificuldades de querer progredir em terra alheia.

Muitas vezes se fala dos emigrantes portugueses na França, na Alemanha ou noutros países, mas daqueles que estão a trabalhar na Suíça quase nunca se fala. Ora eu acho isso errado, porque nós também lá temos problemas como os outros. Uma coisa que nos preocupa muito é a insegurança de emprego. Não sei se sabe que nós que estamos na Suíça não estamos defendidos por um acordo entre o governo Português e o governo Suíço, que nos proteja. Isto quer dizer que se eles amanhã não precisarem da gente é muito fácil pôr-nos fora. Para já a situação não está muito perigosa mas a gente nunca está segura do que pode acontecer. E eu até estou num caso complicado porque a empresa em que eu trabalho foi vendida e não sei se no dia de amanhã me põem à porta como já puseram a outros.

— E seria muito difícil arranjar outro emprego?

Sabe como é, garantias não há nenhuma. Veja bem que eu quando cheguei lá era um «mão-de-obra», fazia um trabalho qualquer e com o tempo é que fiz a aprendizagem. Mas eles não nos dão nenhum certificado de especialização de trabalho porque não lhes convém. O que lhes convém é que a gente trabalhe dentro das empresas, mas no momento que a gente quer mudar de emprego eles pedem-nos logo garantias do que é sabemos. De boca a gente pode dirigir-se mas apresentar um certificado não o tem.

— E não têm o apoio de um Sindicato?

Sim a gente tem um sindicato, mas é um sindicato que não merece confiança porque não nos apoia e está à parte do patrão. Aqui há dois anos, por exemplo, o patrão andava a arranjar maneira de nos pôr a andar sem pagar indemnização e a gente teve que fazer greve, mesmo sem ser autorizada. E ao fim de três semanas de negociações o sindicato defendeu

os interesses do patrão e levou-nos a aceitar uma solução que não defendia os nossos interesses. E não é bem como muitos dizem, que a Suíça é um país onde se ganha muito dinheiro, um país formidável... Sim, não há dúvida que é bom, mas para aqueles que já lá estão há bastantes anos, que estão num trabalho que conhecem bem e de onde não pode ser mandado embora. Mas ao fim e ao cabo a coisa é assim: quando eles precisam, dão-nos trabalho; quando não precisam, eles esclarecem a coisa, procuram a maneira de fazer lá o jogo deles a ver se a gente se chateia e vai embora.

ERA PRECISO QUE OS PORTUGUESES FOSSEM MAIS UNIDOS

E o que é mais aborrecido é que não é só no aspecto do

trabalho que aparecem problemas. Mesmo entre os portugueses as coisas não correm lá muito bem, dá ideia que não conseguem entender-se, quando vistas bem as coisas só lucrávamos em estarmos todos unidos. Há lá um Centro dos Portugueses mas não funciona da melhor maneira. Numa altura em que tive um acidente as autoridades procuraram contactar a minha família através do Centro, para informar que eu estava no Hospital, mas o Centro não se interessou nada pelo assunto.

Há também um café onde os portugueses se encontram mas o convívio é muito fraco e, afinal, o que devia servir para nos distrair acaba mas é por nos indispor. Era preciso que houvesse outra mentalidade, ter conversas mais interessantes, para desenvolver a gente. Mas não, até dá a ideia que o 25 de Abril ainda não chegou ali.

continua na página 4

Em plenário realizado no passado dia 18/9/78, os DELEGADOS SINDICAIS do sector QUÍMICO da zona de ESPINHO, aprovaram por unanimidade a seguinte MOÇÃO.

MOÇÃO

Considerando que a unidade dos TRABALHADORES é uma condição fundamental para a defesa dos seus interesses.

Considerando que o patronato tem tentado tudo por tudo para dividir os TRABALHADORES e o MOVIMENTO SINDICAL.

Considerando que as dificuldades que os TRABALHADORES atravessam só poderão ser vencidas com o grande sentimento de unidade que se vem desenvolvendo no seio dos TRABALHADORES.

OS DELEGADOS SINDICAIS DO SECTOR QUÍMICO, DA ZONA DE ESPINHO, DECIDEM:

- 1.º — Lutar pelo reforço e unidade de todos os TRABALHADORES.
- 2.º — Repudiar todas as tentativas de divisão dos TRABALHADORES.
- 3.º — REPUDIAR energicamente a formação da central paralela U.D.T.P., que mais não visa se não lutar contra os TRABALHADORES e contra as CONQUISTAS DO GLORIOSO 25 DE ABRIL DE 1974.
- 4.º — Alertar todos os TRABALHADORES PORTUGUESES, para que denunciem os objectivos desta central FANTOCHE ao SERVIÇO do CAPITAL.

NÃO A CENTRAL PARALELA. TRABALHADORES LUTAREMOS CONTRA ELA.

NAS FABRICAS, NOS CAMPOS E NO MAR, CADA TRABALHADOR DIRÁ: A U.D.T.P. NÃO PASSARÁ.

UNIDOS VENCEREMOS

ESPINHO, 18/9/78

Moção

Os delegados sindicais do sector da Indústria Química da área do S.O.I.Q.N. reunidos em plenário para analisar a situação do CCTV do sector, cuja proposta de revisão foi entregue ao patronato em 2 de Junho passado, decidem:

1. Manifestar o seu mais vivo repúdio pela atitude ilegítima e lesiva dos justos interesses dos trabalhadores, seguida pelo patronato ao recusar-se às negociações directas com os sindicatos representativos de mais de 90% dos trabalhadores, evocando para o efeito o facto dos sindicatos dos empregados de escritório não terem subscrito a proposta de revisão.

2. Denunciar publicamente a ambiguidade demonstrada pelo M. T. na resolução deste conflito, permitindo que o patronato continue a jogar com esta chantagem, clara manobra destabilizadora.

3. Chamar a atenção dos demais órgãos do poder e da opinião pública que esta atitude do patronato e a posição do MT levarão os trabalhadores a inevitáveis formas de luta para defesa das justas actualizações salariais.

4. Aconselhar e apoiar CNS na realização de reuniões gerais de trabalhadores nos locais de trabalho a fim de serem aprovadas as formas de luta que considere adequadas e necessárias para obrigar o patronato a sentar-se à mesa das negociações.

CONTRA AS MANOBRAS DO PATRONATO PELA MELHORIA DE CONDIÇÕES DE VIDA UNIDOS VENCEREMOS

Aprovada por aclamação

A C. N. S.

LANASIL CHEGOU A PARAR

MOTIVO: DOIS DESPEDIMENTOS

A intervenção do Sindicato dos Têxteis permitiu a reintegração de uma trabalhadora da fábrica de malhas Lanasil, com sede na av. 24 e outra secção no lugar da Quinta, em Anta. A esta trabalhadora e a uma outra por razões diversas, tinham sido instaurados processos de despedimentos pelo encarregado da empresa sem que na verdade houvesse matéria legal para esse procedimento. A trabalhadora reintegrada interpretara erradamente os seus direitos no usufruto das férias, mas tal não justificava sequer a suspensão ou qualquer outro castigo, podendo dizer-se que foi o encarregado o principal prevaricador, pois apesar de ter tido experiência como sindicalista comecei com conhecimento de causa um abuso do poder.

A outra trabalhadora, igualmente com processo de despedimento por recusa de transferência de uma para a outra secção da empresa, recorreu para o Ministério do Trabalho de Aveiro, pelo que o representante do Sindicato não pôde intervir neste caso quando da sua deslocação à empresa.

Refira-se que, após ter conhecimento da audiência pedida pelo Sindicato, o encarregado encerrou a empresa, pretendendo afastar os trabalhadores da discussão. No entanto, estas, cerca de uma dezena, recusaram-se a abandonar as instalações até que se concluisse a reunião com o dirigente sindical.

O problema parece estar para já resolvido, com a reintegração

de uma das trabalhadoras e o processo de outra em curso, pelo que a empresa regressou à laboração normal. Permanecem no entanto as irregularidades no pagamento dos salários, estando mesmo em atraso os subsídios de férias e de Natal de 1977, sendo ainda de temer que o encarregado continue a exercer acções de intimidação sobre a trabalhadora reintegrada precisamente a delegada sindical da empresa. Estaremos atentos a essa e outras eventualidades.

PEREIRA ALVES

Mais alguns dados

Em relação ao artigo que publicámos na última semana sobre a dissolução da cooperativa que há dois anos se formara na firma «Pereira Alves & Irmão» fomos informados que a atitude do gerente se terá devido em grande parte ao facto de ter sido agredido por trabalhadores descontentes com o não pagamento de ordenados, para o que o gerente terá invocado falta de verba. Este facto, que só por si não justificaria a dissolução da cooperativa, não deixará de ter contribuído para o desenlace que parece inevitável.

MARÉ VIVA

INTERESSA AOS TRABALHADORES

Compra e venda de automóveis novos e usados totalmente revistos

c/ certificado de garantia

STAND BARROS

de JOAQUIM BARROS DE OLIVEIRA

Rua 24 n.º 205 — Telef. 922582 — Apart. 170 — ESPINHO

CAFÉ E RESTAURANTE COPÉLIA

Almoços e Jantares

Serviço à lista

Especializado em

Casamentos e Baptizados

Grande Variedade de

Petiscos

Rua 23 n.º 808 - Tel. 923152

ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

5.º FESTIVAL DE INTÉRPRETES

1.º ELIMINATÓRIA — 6.º feira, 22-9-78 — 22 horas

CASINO DE ESPINHO

Marcações de Mesas: CASINO - Telef. 920238



ORGANIZAÇÃO CONJUNTA



ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES

ESPECIALIDADE EM MOBILIAS DE ESTILO SÉCULO XVII

JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

R. 4 n.º 667 — Tel. 921324

ESPINHO

NÓS E O LEITOR

isto, mas li no «Maré-Viva» que o hospital avança devagar e o sr. Presidente da Comissão Instaladora dizer que é fundamental o hospital servir eficientemente o elevado número de pessoas que a ele recorrem. Pois se com meia dúzia de pessoas é o que se vê, o que será quando há muitos doentes? Pois apelo aos responsáveis

continuação da página 2
pelo hospital, ao dr. Miranda Valente, que tomem providências para que na urgência se encontre sempre um médico e enfermeiras capazes e que as entradas a acompanhantes de doentes sejam iguais para todos.

José Fernando dos Santos Ferreira

— X —

Ainda o serviço dos B. V. de Espinho

Em resposta a um desmentido do quarteleiro dos B.V.E. a uma acusação feita nesta secção, o sr. Vinheira dos Santos, enviou-nos a seguinte carta:

No passado dia 13, estive na vossa Redacção a fim de me queixar da atitude do quarteleiro dos B. Voluntários de Espinho para com o meu sobrinho Urbino Ferreira Vinheiras. Veio a minha carta publicada sob o título «Os B. Voluntários de Espinho não servem a população?». Pois efectivamente a referida corporação não serve a população.

Agora mais uma vez me dirijo ao vosso jornal para afirmar e até provar que tudo quanto o sr. quarteleiro diz é falso. Começa por não ser verdade a confiança que diz ter com a minha família, pois ela terminou há cerca de ano e meio quando o meu filho Nuno Américo teve uma enterite e foi-me negada a ambulância pela esposa do quarteleiro com a seguinte frase: «Começam cedo a pedir a ambulância». Com má vontade acrescentou que o marido estava de folga e a condução foi feita pelos Bombeiros Municipais de Gaia. O próprio quarteleiro dos B. V. da Aguda ofereceu-me os seus serviços, pois estava ao corrente das negas do quarteleiro dos B. V. de Espinho por conversa com ele.

Quando à vida dum quarteleiro,

responderei ao sr. quarteleiro que não é tanto como diz, pois há quarteleiros que deixam as refeições e fazem o serviço que lhe é pedido. Ora um meu irmão que há tempos tinha um filho doente foi aos B. V. de Espinho e o quarteleiro veio à porta dizendo que era só acabar de almoçar. Pois a ambulância só apareceu passado hora e meia. Pergunto se são estes os privilégios que o sr. Augusto diz a nossa família ter. Os inúmeros serviços de ambulância de que fala são falsos como posso provar pelos registos das ambulâncias dos Sapadores de Gaia e quanto aos telefonemas que fiz, fi-los na altura na qualidade de bombeiro e para assuntos da corporação.

Para terminar quero dizer ao sr. Augusto que descanse pois a nossa família não o há-de voltar a incomodar, porque dispõe de outras ambulâncias. E pergunto, quanto ao que se passou no outro dia: estava doente? Então porque veio à varanda? Porque disse a esposa da primeira vez que não estava? Porque saiu às 6 horas da manhã fazendo um serviço? Pois eu até tenho testemunhas que o senhor disse a alguém que a asneira que fez foi passar com a ambulância pela minha porta.

José Manuel Vinheira dos Santos ex-Bombeiro n.º 68

E não têm contado com o apoio do Governo português?

— Olhe, aqui há uns dois anos resolvi escrever uma carta a perguntar ao Governo se não seria possível abrir uma creche para os nossos filhos, que fosse orientada por mulheres de emigrantes, para dar uma educação mais portuguesa aos nossos filhos. Isso é que era uma coisa boa, porque assim não acontecia que o meu filho e os outros esqueçam o português, que só quase que falam o francês. Mas isso acabou por não ir para a frente, os outros emigrantes não se interessaram muito. E assim nós viemos da estupidez e os nossos filhos ficam estúpidos

na mesma, por causa da mentalidade de certos indivíduos, porque para eles o dinheiro tem mais valor do que o desenvolvimento dos filhos. Escola oficial em que se ensine o português é coisa que não há e isto tudo é muito por culpa dos emigrantes que não sabem unir-se para defender os seus interesses.

Mas o consulado não vos presta um apoio em condições?

— A gente não pode queixar-se muito do consulado, mas o que não é justo é não haver na nossa cidade um representante do consulado, responsável para tratar dos assuntos. Outra coisa

má é que o consulado não nos manda nada com informações de Portugal. Eles têm lá e dão se a gente lá for, mas não nos mandam. E assim a gente não tem quase ideia do que se passa cá em Portugal. Também até parece que o que o Governo está interessado é que a gente mande para cá o dinheiro e mais nada. Mas ao menos haviam de dar mais apoio para podermos educar os nossos filhos. Isto porque nós não fomos para lá como escravos mas para ganhar a nossa vida. Mas para que as coisas fossem diferentes era preciso que os portugueses fossem mais unidos e se mexessem para tratar das coisas.

STAND SERZEDENSE

António Martins da Silva
Assistência Total
Agente: SACHS SIS — EFS
Tel. 9620675 — SERZEDO
V. N. DE GAIA

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º
Telef. 921014
ESPINHO

SACOS DE PAPEL E
PAPEIS DE EMBALAGEM
DE TODAS AS QUALIDADES
FIOS DE SISAL E NYLON

Rogério Pinto Moreira, L.º

Telef. 967079
S. Paio de Oleiros



FABRICAS

RAINHA

Serviços Municipalizados de Espinho

Concurso público para arrematação da empreitada de obras de abastecimento de água ao conjunto habitacional da Ponte d'Anta - adução e reservatório.

Preço base 3.333.869\$50
Caução provisória 83.346\$70
Alvará exigido — V Categoria ou 3.ª Subcategoria da V Categoria e

— I Categoria ou 3.ª Subcategoria e classe correspondente ao valor da proposta.

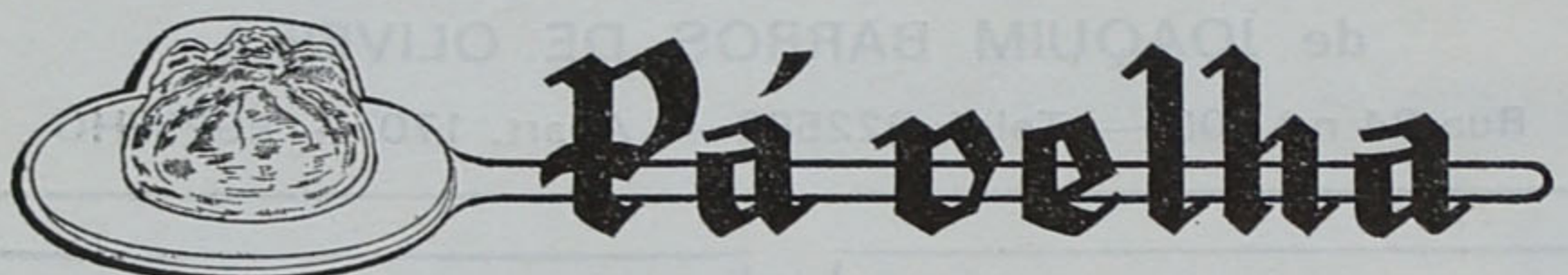
Local, dia e hora para entrega das propostas — Na sede dos Serviços Municipalizados, rua 30, em Espinho, até às 17 horas do dia 25 de Outubro de

1978.
Local, dia e hora do acto público do concurso — na sede dos Serviços Municipalizados, na morada acima indicada, em 27 de Outubro de 1978, pelas 11,30 horas.

Local, dia e hora para exame do processo — na sede dos Serviços Municipalizados na morada acima indicada, nas horas normais de funcionamento, bem assim como no Sub-Núcleo Regional de Saneamento Básico de Aveiro, na Casa de Chá do Parque.

Serviços Municipalizados de Espinho, 14 de Setembro de 1978.

LEIA E CRITIQUE Maré Viva



Pá velha

Confeitaria

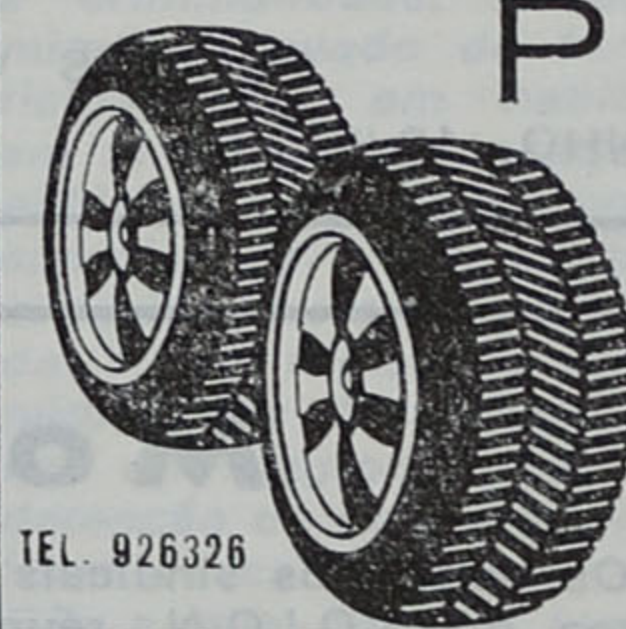
Especialidades Regionais — Pastelaria sempre fresca

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

SOCIEDADE
MALHAS COPITEX
LDA.

Confecção de Malhas para Criança e Adulto

Rua 22 n.º 1200
Apartado 76 ESPINHO



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica

- Alinhamento de Direcções
- Vulcanização de Câmaras
- Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

FOTOGRAFIAS TIPO PASSE EM 10 SEGUNDOS

CENTRO FOTOGRÁFICO

de ALVARO NUNES DE PINHO

Tudo para fotografia e Cinema - Retratos
Relojoaria electrónica

Rua 8 n.º 645

ESPINHO

GARAGEM AVENIDA

MANUEL DA SILVA RIBEIRO, LDA.

Reparações Mecânicas e Eléctricas de todas as viaturas
Serviços especializados de Chapeiro e Pintura
Alinhamento de direcções — Equilíbrio de rodas
Venda e assistência dos pneus «FIRESTONE»
Lavagem automática — Reboque Permanente

Angulo da Av. 24 e Rua 29 ESPINHO
Telefs.: Oficina 921730 — Resid. 922097

Filomena Maia Gomes

— ADVOGADA —

ESCRITÓRIOS
R. 31 de Janeiro, 45-2.º — Tel. 21939
PORTO
R. 19 n.º 343, 1.º-Sala E — Tel. 922964
ESPINHO

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas • Doenças dos Ossos • Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO

Ausente até 13 de Setembro

BAPTISTA

MÓVEIS E DECORAÇÕES

Rua 20 n.º 528

ESPINHO

CASA LUÍSA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

«CANTINHO DA RAMBÓIA»

— Da penumbra à ribalta

Era até há pouco apenas uma das várias equipas de futebol popular que se vão tornando conhecidas em meios mais ou menos restritos por participarem em torneios de futebol de onze ou de salão. Mas, de um momento para o outro, o «Cantinho da Rambóia» levou o seu nome para mais longe, inscreveu-o nas páginas de (alguns...) diários de grande tiragem e fez

nasceu pela vontade de alguns trabalhadores que se costumavam encontrar numa loja, junto à linha do caminho de ferro numa esquina da rua 37-A. A primeira iniciativa foi a participação num Torneio de Futebol de Salão do Sp. Espinho e, de então para cá, com a sede a funcionar na dita loja de um dos jogadores e fundadores (João Pinhal), o «Cantinho» tem

treinos fazem-se no campo do quartel de Paramos e, poucas vezes, pois o aluguer é de 500\$00, no campo da Avenida.

As despesas são reduzidas ao mínimo e aguentadas pela quota voluntária dos 30 sócios e a organização de festas ou bailes para a recolha de fundos, pois nunca tiveram qualquer apoio oficial.

Nos seus quatro anos de vida, o apuramento para a final do «Torneio do Avante» foi o êxito maior, mas já tiveram outros de bastante valor. Já venceram por três vezes o torneio de futebol de onze da Ilandha, um deles na sua primeira experiência competitiva, sem sofrerem qualquer golo. De realçar também a chegada à final do torneio de Futebol de Salão do S.C.E., por duas vezes, e a recente conquista da taça da melhor defesa do mesmo torneio.

De tudo isto que nos disse António Pinto Leite, vice-presidente do «Cantinho», se poderá concluir que continua a residir nestes clubes populares a afirmação da vontade dos trabalhadores de praticarem desporto, que de outro modo não lhes é assegurado.



NO JAMOR, ANTES DA FINAL

a sua equipa principal pisar o relvado do Estado Nacional.

Sobre o que representou esta efémera alteração à sua vida normal de trabalhadores e desportistas nos tempos livres, sobre o que foi enfim a sua participação no «I Torneio da Festa do Avante», teremos alguns depoimentos. Entretanto, detenhamo-nos um pouco sobre a vida do clube.

O «Cantinho da Rambóia», como o próprio nome indica,

mantido uma actividade regular.

Os atletas, que incluem os directores, são 22 e praticam no clube futebol de onze ou de cinco, embora alguns deles pratiquem atletismo noutros clubes. Operários, a maior parte, e pescadores, alguns, o que os une é a convivência em torno do clube, nos jogos que disputam, nos treinos, que não nas suas instalações desportivas, que é coisa de que não dispõem. Os

AS IMPRESSÕES

«Foi um bom jogo, um verdadeiro jogo entre desportistas-trabalhadores, de extrema correcção. Não tivemos a sorte pelo nosso lado, mas a vitória não era o mais importante. Foi enfim uma verdadeira festa do desporto, que acompanhou bem o resto da festa que foi extraordinária».

José Nunes, treinador (operador electrónico)

«Não me sinto derrotado, mas se tivéssemos sorte poderíamos ter ganho folgadoamente. A disciplina com que o jogo correu foi de fazer inveja a muitos profissionais. Fizemos amizade com os «Amigos do Monte da Caparica» e vamos-nos defrontar de novo em Espinho e no Monte da Caparica. Foi pena não termos tido mais descanso, para podermos jogar melhor e termos podido estar mais tempo na festa que foi grandiosa. Esperamos por novo torneio para tentar lá ir outra vez».

José Granja, capitão (operário corticeiro)

«Não tivemos sorte, nem no jogo, nem na viagem que demorou nove horas e nos impediu de dormir antes do encontro. Dominámos do princípio ao fim e acabámos por ser infelizes em dois lances, caso do segundo golo em que tive pouca sorte. Queria salientar que quando o António da Eva marcou o nosso golo, os milhares de pessoas levantaram-se a festejá-lo pois era merecido há muito tempo. A festa, a primeira que assisti, foi um espectáculo inolvidável».

Manuel Maganinho «Leston», guarda-redes (operário corticeiro)

Nunca esperávamos ir à final e poder pisar o melhor relvado de Portugal. A nossa equipa, bem organizada e com bons jogadores, foi mesmo uma das melhores da prova. Aliás, o 2.º lugar entre 220 já diz qualquer coisa. Gostaríamos muito de ganhar o jogo, mas não foi possível. Mas mal sentimos a derrota, tal foi a confraternização entre as duas equipas. Eles até disseram que foi pena a taça do 1.º lugar não poder ser cortada ao meio. Só espero que se façam muitos mais torneios como estes para bem do desporto amador.

O convívio no desporto foi também como na festa, onde o que mais espanta é como, com tanta gente, não houve o mínimo incidente. Todos se respeitam e tornam esta festa impossível de igualar cá no país».

Teixeira, jogador e vice-presidente (operário corticeiro)

XADREZ

HOMOLOGADO O TÍTULO COLECTIVO DA A. A. E.

Tinha sido recebida com justificada indignação na Secção de Xadrez da Associação Académica de Espinho a notícia de que a Federação Portuguesa de Xadrez havia dado como procedente um protesto do F. C. do Porto e anulado o Campeonato Regional por Equipas de que a A. A. E. havia saído vencedora.

As diligências que então a S.X.A.A.E. encetou foram prontamente acompanhadas pela Associação de Xadrez do Porto que enviou um extenso relatório ao Conselho Jurisdicional da Federação. Foi na sessão de encerramento da época distrital, efectuada no sábado no Ateu Comercial do Porto, que o presidente da A.X.P. anunciou que o recurso havia sido atendido, com a consequente homologação do Campeonato Colectivo. Será justo salientar que a A.X.P. havia decidido entregar o prémio respectivo à A.A.E. qualquer que fosse o resultado do seu recurso.

As consequências desta decisão do C. J. foram a possibilidade da A.A.E. poder ir representar a A.X.P. ao Campeonato Nacional por

Equipas, a disputar, no próximo mês, em Oliveira de Azeméis, e a relegação do «protesto» do Porto à expressão simples de uma birra de quem não gostou de se ver derrotado em frente aos tabuleiros.

Empates com Tsechkowsky

Há precisamente oito dias, disputou-se no Porto uma simultânea com o Grande Mestre Internacional Tsechkowsky, da União Soviética, que já simultaneamente na «Festa do Avante» e em Coimbra. Perante cerca de quarenta tabuleiros, o G.M.I. talvez já um pouco desgastado, cedeu 3 derrotas e 4 empates, vencendo no entanto alguns dos melhores jogadores do Norte. A S.X. A.A.E. viu dois dos seus representantes (Amadeu Loureiro e Fernando Reis) alcançarem dois empates, sempre de registar quando se joga, mesmo em simultânea, com o actualmente considerado como oitavo xadrezista da União Soviética.

FUTEBOL

CHAVES, 1 — S. C. ESPINHO, 0

Em Chaves, já é costume...

Na verdade não nos lembramos de que o Sp. Espinho, nos últimos anos, tenha conseguido um resultado favorável nesta cidade transmontana. Mesmo nas épocas em que ascendeu à I Divisão os resultados foram negativos. Recordemos que na de 1973-74 sucedeu a derrota por 1-0 e em 1976-77 nova derrota por 1-0. 1-0 outra vez vai sendo caso para já se falar em tradição e também pode querer dizer que os espinhenses vão ter de novo o «seu» campeonato.

Seja assim uma maneira de se minimizar esta derrota, mas valha a verdade que dois, ou mesmo um ponto, seriam bem mais animadores. Dizem os relatos da imprensa especializada, que nós não estivemos lá, que o Espinho dominou, criou várias oportunidades, apresentou melhor «fio de jogo», acabando por prevalecer o entusiasmo dos flavienses, com um golo obtido a sete minutos do termo do encontro.

Atenuante terá sido também a ausência do treinador-jogador Manuel José, o que obrigou a uma formação que de algum modo se poderá chamar de recurso.

Pinto; Coelho, Pereirinha, Pinto Ribeiro e Raul (Belinha); João Carlos, Mário e Parra; Reis (Canavarro), Mória e Sobral.

No domingo próximo, o Espinho vai mais uma vez sofrer as consequências de um sorteio que nas últimas épocas lhe tem sido bastante desfavorável, obrigando-o a disputar quase todas as eliminatórias da Taça de Portugal no terreno dos adversários. Desta vez vai ser em Viana do Castelo, onde, segundo supomos, o Espinho só jogou uma

vez desde há quase vinte anos, quando num jogo de muitos nervos venceu o Vianense por 2-1 (golos de Vladimiro e Luciano) garantindo o regresso à II Divisão, donde tinha sido afastado por uma época. Desta vez não é caso para esses sobressaltos, mas também não será razão para se perseguir com menos determinação um resultado favorável.

JUNIORES

S. C. ESPINHO, 5 — MORTÁGUA, 0

Ainda mais fácil do que parece...

Foi positiva a estreia dos espinhenses no seu primeiro Nacional de Juniores da 1.ª Divisão, direito que conquistou depois de duas épocas brilhantes nos Regionais da II e I Divisão de Aveiro. O resultado fala só por si, mas teve a acompanhar uma exibição agradável, a denotar uma boa acção de conjunto dos diversos sectores da equipa. O que aliás decorre em boa parte do facto de permanecerem os jogadores mais influentes da época passada, em boa combinação com outros que vieram dos juvenis.

Num aspecto no entanto o

rendimento não foi o melhor: na finalização. O Mortágua revelou-se uma equipa demasiado frágil e deverá agradecer à manhã pouco inspirada dos locais no capítulo do remate o facto de não ter levado o dobro da goleada, tantas foram as oportunidades falhadas.

Pese embora esta falta de inspiração dos rematadores, a equipa promete um bom campeonato e parece capaz de obter na sua série, que não é muito forte, um lugar na parte superior da tabela e assegurar deste modo a permanência neste Nacional.

QUIOSQUE SUBTERRÂNEO

Jornais - Revistas - Tabaco

A SUA MÃO

na passagem sob a via férrea

PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE

GRUPOS A e B

Em Espinho, grupo de economistas e contabilistas, executam e prestam todo o apoio contabilístico e fiscal.

Resposta à Redacção ao n.º 20

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 921408 — ESPINHO

Habitação em Guetim

continuação da página 1

flacção nestes dois anos encarregou-se de «cobrir» os 300 contos de diferença, a ponto do próprio técnico da Solverde ter informado a Junta de que a verba agora prevista para Guetim só daria para a construção de uma casa e meia!

Na posse destes dados, a J.F. não se resignou pacificamente a esperar que as casas (ou casa...) aparecessem e, como através da Câmara, já tem quase garantidas junto do Fundo de Fomento da Habitação quatro casas prefabricadas (sem ainda dispor do terreno para as colocar), como além disso o mesmo técnico da Solverde admitiu que esses prefabricados do F. F. H. fossem de melhor qualidade do que as casas que a Solverde viesse a construir, elaborou um plano para a habitação em Guetim, que mereceu a aprovação da A. F.

O projecto da Junta de Guetim assenta essencialmente nos seguintes passos:

— aproveitar o terreno já disponível para a casa e meia da Solverde, e instalar em sua substituição os quatro prefabricados já garantidos pelo F.F.H.

— prescindir das construções da Solverde, recebendo directamente os 1.500 contos que a sociedade turística teria de gastar.

— aproveitar grande parte dessa verba para a compra de outros terrenos já em vista para

a implantação de mais prefabricados pelo F.F.H., para o que já iniciou diligências, mormente a marcação de uma audiência com aquele organismo.

— custear com o restante as despesas de implantação de todos esses prefabricados.

Com este projecto pensa a J. F. que a curto prazo se possam obter 15 casas sociais para Guetim, cobrindo assim parte significativa das necessidades actuais da freguesia em habitação, que se estimam em 50 casas.

A Junta não ignora as dificuldades que possam surgir para a concretização deste projecto. Não da parte da Solverde propriamente dita, pois esta já deu o seu acordo com o que aliás poupará trabalho, mas no que respeita ao contrato da concessão que poderá exigir algumas diligências. Também está a Junta de Freguesia atenta ao modo como se poderá vir a processar o concurso para a ocupação das habitações, estando já previstos contactos com o F.F.H. para que seja assegurada a extensão desse concurso unicamente a habitantes de Guetim com reais necessidades.

O plano está aí, a concretização parece possível e aqui se regista, antes disso, a audácia e imaginação de homens responsáveis que recusam o rammerrame administrativo como processo de trabalho.

«Bom Barqueiro. Bom Barqueiro»

Deixai-me passar
Tenho filhos pequeninos, pr'a acabar de criar.

— Passarás, passarás
Mas algum deixará.
Se não for o da frente há-de ser o de trás.»

Nove da noite. Chego ao café, sento-me a uma mesa, onde já se encontram alguns «amigos».

A conversa habitual. De tal forma habitual e repetida que a minha atenção não se fixa. O pensamento vagueia, retrocede aos tempos da escola primária. Vejo-me de calções, no recreio, preso entre quatro braços e a pergunta sacramental: laranja ou banana? Isto é, a brincar ao «Bom Barqueiro». Suponho que toda a gente, a seu tempo, brincou a este jogo fácil e infantil. Sabem portanto que, em conformidade com a escolha feita à alternativa proposta, cada jogador era incorporado num grupo. Os dois grupos formados, cada qual, à extremidade de uma corda, puxava no seu sentido. Ganhava muito naturalmente, o grupo que conseguisse arrastar o outro. Para os que gostavam de ganhar (e éramos todos), o problema consistia em adivinhar qual seria no final o grupo mais poderoso: o das laranjas ou o das bananas. Ou por outras palavras, de prever qual das respostas

seria mais vezes utilizada.

A conversa à mesa faz-me voltar à realidade. Defensor dos movimentos feministas ou machistas? D. Juan ou homossexual? Arrogante ou tímido? Herói ou covarde? Militarista ou medícras? Egoísta ou altruísta? Sádico ou masoquista?

Laranja ou banana?
E o pensamento volta a fazer incursões no meu passado. Guerra colonial ou refractário? África ou França? Púrios ou expúrios? Spínola ou Vasco Gonçalves? Vasco Gonçalves ou Mário Soares? Otelo ou Vasco Lourenço? Corvacho ou Pires Veloso? Nove ou Copcon? P. M. ou Comandos? Norte ou Sul? Laranja ou banana?

Farto, volto à mesa. Direita ou esquerda? Comunista ou fascista? Nacionalista ou internacionalista? Marxista ou capitalista? Burguês ou proletário? Manual ou intelectual? Explorador ou explorado? Doutor ou analfabeto? Revolucionário ou reacccionário? Laranja ou banana?

Os «amigos» á minha volta calam-se, olham-me interrogativos. Esperam a minha resposta. Sem pensar, espontaneamente, respondo: MAÇA.

Os olhos dos meus «amigos» abrem-se ainda mais. As bocas também. Tentam compreender se não percebi bem as regras do jogo ou se estou doido. Desta vez, pereitamente consciente

do que digo, repito: MAÇA, o fruto da sabedoria.

Já um certo Adão tinha sido condenado a abandonar o Paraíso por ter optado pela Maça. Eu, pelo menos por agora, apenas fui condenado a tomar o café sozinho.

Da minha isolada mesa, observo-os a jogar. Mas agora o jogo é menos interessante que quando éramos crianças. Já ninguém ganha. Não sei se é por causa da corda ser imaginária ou devido à força de adultos, mas a verdade é que quando chega a altura de cada grupo puxar para seu lado, a corda rebenta. E os dois grupos caem por terra. Mas, mal isso sucede, levantam-se e sacudindo o pó, recomeçam: laranja ou banana? Novos grupos e nova queda.

Já fomos uma sociedade unidimensional. Isto é, duma única direcção e de um só sentido. Era a época do seguidismo, do conformismo. Hoje encontramos-nos na fase bidimensional (que me perdoe a Matemática). De uma única direcção, mas de dois sentidos opostos. É a época plana, chata. Espero que não demorem muito a chegar à das três dimensões. Isto é, à da realidade. Mas quantos anos-inteligência e anos-bonsenso nos faltam ainda para atingir a quarta dimensão. A do sonho, da utopia. Isto é, a da verdadeira revolução.

José Oliveira

1979 - Ano Internacional da Criança

No artigo que publicámos no nosso último número, nesta mesma página, referente ao Ano Internacional da Criança, apontava-se no título o ano de 1978, quando de facto o Ano Internacional está marcado para o próximo ano, como aliás vinha referido no texto. De qualquer modo, e para dissipar dúvidas que possam ter surgido, aqui fica a necessária rectificação e as devidas desculpas.

ESPINHO MERECEIA MELHOR

continuação da página 1

das populações que se reconhecem num passado com história e não a macaqueação das suas tradições e no aproveitamento delas para levar águas duvidosas a moinhos conhecidos. E a derrota veio na denúncia mais que evidente da incapacidade demonstrada pelos responsáveis para organizarem as festas da cidade à altura daquilo que Espinho merecia, tão confrangedor foi o espectáculo a que assistiu e que só a presença popular, desejosa de aproveitar todos os momentos de animação colectiva, ajudou a esconder.

Espinho merecia melhor, a população local e os forasteiros tinham direito a outra coisa bem diferente. E não se compreende como se pode entregar a responsabilidade da organização das festividades profanas, únicas que nos interessa analisar, a pessoas que vêm provando, ano após ano, a sua total incapacidade para fazer mais do que «cumprir» com aquilo que definem como objectivos para as festas. Sentir-se-à a Comissão de Turismo satisfeita com a forma como foi utilizada a verba que deu como subsídio? Sentir-se-à a cidade efectivamente representada naquilo que durante alguns dias quiseram fazer aparecer aos olhos de quantos cá estiveram como a manifestação da vitalidade e da alegria de uma colectividade que cada vez mais se afirma como uma terra moderna e progressiva? Estarão as tradições populares da região de facto presentes numa festa tão antiga e que gozava de tanta fama? Ou estar-se-à, na verdade, a

assistir à liquidação de quanto de significativo encerra uma festa deste tipo, precisamente através de pessoas que dizem pretender defender a tradição de inimigos na sombra que a pretendem destruir? Certo é que desta maneira a tradição se mantém quase exclusivamente no texto dos programas, onde, não há dúvida, a linguagem é a mesma de há muitos anos, e, talvez, no facto de o arraial se ir conservando na zona baixa da cidade, com grande alegria, como é de calcular, da numerosa população que assim vê a pacatez de todo o ano agradavelmente (?) alterada.

E quando defendemos que uma solução alternativa seria entregar a organização das festividades profanas a uma comissão representativa de colectividades e entidades da cidade, não fazemos mais do que redescobrir uma tradição das festas, essa sim inteligente e democrática, pois que desde os Bombeiros ao S. C. Espinho, passando pela Comissão de Turismo e a Académica, várias colectividades tiveram já responsabilidades na realização das festas. Por certo que da junção das experiências das colectividades da cidade resultaria a organização de um programa bem diferente, mais rico e diversificado, apoiado nas tradições populares e culturais da região e virado para o futuro de progresso que se vive intensamente na nossa cidade. De outra maneira, sobretudo da maneira que se tem visto, ir-se-à cumprindo o calendário.



A RELIGIOSIDADE POPULAR VAI SERVINDO DE CAPA AO DESFILE ANUAL DE INTENÇÕES

NASCENTE - CINECLUBE

Sábado, 23 - às 21,30 horas No Salão da Piscina

SESSÃO DE CINEMA COM O FILME

«O VALE DO FUGITIVO»

do realizador americano ABRAHAM POLONSKY

Assine e leia o «Maré Viva»

ASSINATURA ANUAL — 240\$00



PORTE PAGO